**CARACTERÍSTICAS DAS POLÍTICAS MONETÁRIAS NAS ESCOLAS NOVO-KEYNESIANA E NOVO-CLÁSSICA**

*Alysse Cândido Rodrigues Soares*

*Isabela Germano de Oliveira*

*Laura França Souza*

# Palavras-chave: Novos-keynesianos. Novos-clássicos. Economia Monetária. Políticas Moneárias.

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá como intuito apresentar as implicações de política monetária desenvolvida pelas escolas de pensamento Novo-Clássica e Novo-Keynesiana.

A ciência econômica surgiu através da teoria desenvolvida pelo filósofo e economista britânico Adam Smith, que, por sua vez, fora considerado o pai da economia a partir da publicação de sua obra mais grandiosa, "A Riqueza das Nações", de 1776. Anteriormente, a economia era tratada apenas como um ramo da filosofia social, e apesar de ter sido pouco desenvolvida, alguns pensadores tiveram contribuições de destaque, como Aristóteles, John Locke e François Quesnay.

O pensamento da escola novo clássica surge com o intuito de apresentar mudanças no meio econômico da época, os pensadores propunham uma nova roupagem teórica, que com o passar do tempo, tornava-se mais coesa à medida que ia ganhando maturidade. As ideias propostas eram baseadas em forma de críticas ao pensamento vigente, isto é, ao keynesianismo. Os novos clássicos criticavam a falta de rigor dos modelos keynesianos, apontando a falta de variáveis importantes e que a determinação daquelas que eram exógenas e endógenas foi equivocadamente realizada, isto é, diferente do apresentado, variáveis exógenas são aquelas controlados pelo Estado, enquanto as endógenas são determinadas pelo setor privado. (AMORIM, 2002).

Para Carcanholo (1995 apud AMORIM, 2002), a teoria, bem como a metodologia utilizada pelos keynesianos era ultrapassada e, teria ainda, um baixo poder explicativo. “Se o agente econômico é racional ao maximizar seu bem estar no presente, deveria também ser capaz de otimizar suas expectativas em relação ao futuro. Ou seja, o agente também deve ser racional na formulação de suas expectativas.” (CARCANHOLO, 1995 apud AMORIM, 2002). Também não havia uma base forte e coerente que explicasse o comportamento dos preços, uma vez que, os keynesianos apenas definiam os mesmo como sendo rígidos, não conseguindo, portanto, explicar seu comportamento de maneira eficiente.

Os principais pensadores dessa escola foram Robert Lucas Jr. e Thomas John Sargent, ambos economistas norte-americanos. Lucas obteve destaque no desenvolvimento da hipótese das expectativas racionais, desenvolvendo dessa forma, um modelo econômico com maior dinamismo. Essa hipótese considerava os agentes como sendo racionais, isto é, utilizavam de todas as informações que lhe eram disponíveis e dessa forma criavam expectativas a respeito de preços e cesta de consumo no futuro. A partir das expectativas criadas, eles tentavam maximizar seu bem estar. Lucas usava como base o pensamento de Milton Friedman, Edmund Phelps e William Phillips. Sargent por sua vez foi um dos maiores contribuintes da teoria das expectativas racionais. Em 1970, o economista americano, a partir de diversos artigos publicados, “mostrou como os modelos macroeconômicos estruturais podem ser construídos, resolvidos e estimados. Sua abordagem acabou sendo particularmente útil na análise de política econômica.” (CUTLER, 2011).

Para mais, os novos-clássicos adotam o postulado da ineficiência de políticas, uma vez que, para eles, produto e emprego não dependem de mudanças sistemáticas, previstas na demanda agregada e, com isso, eles consideram que políticas significativas de administração da demanda agregada não têm funcionalidade alguma, já que elas modificam a demanda agregada através da estabilidade de preços e emprego. (FROYEN, 2005).

O pensamento dos novos keynesianos, no entanto, não surgiu como sendo uma proposta de mudança profunda na macroecomia. O intuito dos pensadores era de retomar o pensamento keynesiano, que fora de certa forma "derrotado" e ainda acrescentar à teoria, fundamentos microeconômicos que explicassem principalmente o comportamento de preços e salários, que, segundo eles, a rigidez desses fatores é o principal motivo para desregular o mercado, ainda que o mesmo seja constituído por agentes racionais e maximizadores de utilidade.

Para Davidson (1992 apud AMORIN, 2002, p. 42), os novos keynesianos podem ser definidos como

Um programa de pesquisa que procura explicar flutuações agregadas como consequência de impedimentos para a coordenação de escolhas dos agentes racionais que individualmente maximizam, mas coletivamente não conseguem atingir uma alocação Pareto-Eficiente.

Para os novos keynesianos, os agentes econômicos são formadores de preço, ou seja, eles são aptos a estabelecer seus próprios preços, com um dado grau de liberdade e, dessa forma, sustentar o valor. As alterações nos preços só iriam ocorrer a partir de variações específicas em seus custos, alterando sua curva. Com isso, essa escola supõe que os preços sejam rígidos. (AMORIM, 2002).

# 

# 2 POLÍTICA MONETÁRIA NA ESCOLA NOVO-CLÁSSICA

A escola de pensamento dos Novos Clássicos surgiu nos anos 70, idealizada por Robert Lucas e Thomas Sargent. Tinha como intuito explicar a neutralidade da moeda e, particularmente, a importância que os distúrbios monetários tinham nos ciclos econômicos. As premissas pautadas no modelo consistiam em concorrência perfeita, expectativas racionais, desemprego voluntário, ou seja, existia uma taxa natural de desemprego, além de pressupor que o salário monetário irá se ajustar mais rapidamente para que o mercado de trabalho esteja equilibrado, em outras palavras seria dizer que o mercado de trabalho se comportaria como um mercado leiloeiro – o trabalhador é orientado por salários elevados.

Considerando a premissa anteriormente citada de que existe uma taxa natural de desemprego e, que quando a mesma se iguala a taxa corrente de desemprego, a economia está em equilíbrio, podemos verificar que, caso haja uma disparidade entre essas taxas, a economia se equilibraria automaticamente, tendo em vista que, os agentes econômicos agem de forma racional, isto é, procurando maximizar tanto o bem-estar quanto o lucro. “Em outros termos, estão tomando decisões coerentes com os seus objetivos.” (PAULA, 2013, p. 90).

Nessa escola, no entanto, adotou-se a hipótese das expectativas racionais (HER), que surgiram, basicamente, para contrapor a hipótese das expectativas adaptativas adotada pelos Monetaristas. As expectativas racionais

São formadas com base em todas as informações relevantes disponíveis sobre a variável que está sendo prevista. (…) a hipótese das expectativas racionais afirma que os indivíduos utilizam as informações disponíveis de maneira inteligente; ou seja, compreendem como as variáveis que observam afetarão a variável que estão tentando prever. (FROYEN, 2005, p. 294).

De acordo com Paula et al (2013), pelo fato da teoria dos novos clássicos ser baseada na hipótese das expectativas racionais, a adoção de política monetária na economia seria ineficaz para alterar as variáveis reais, como o nível do produto e a taxa de desemprego, seja no curto ou no longo prazo.

Em contrapartida, a economia será afetada apenas na existência de choques monetários, como por exemplo, a adoção de medidas de expansão monetária pelo governo, em que a política monetária influenciará no nível de preços na economia.

Pode-se concluir que, caso o governo adote uma política monetária expansionista, haverá na economia apenas alteração no nível de preços, logo, a quantidade ofertada pelas firmas não sofrerá modificações, não necessitando portanto, de aumento na quantidade de mão de obra. Dessa forma, a taxa natural de desemprego permaneceria no mesmo patamar que a taxa corrente. Assim, “as decisões de políticas monetárias expansionistas conhecidas pelos agentes não provocam qualquer aumento no nível de emprego e do produto real – causam simplesmente aumento geral de preços equivalente ao aumento do estoque de moeda”. (PAULA, 2013, p. 90).

# 3 POLÍTICA MONETÁRIA NA ESCOLA NOVO-KEYNESIANOS

A teoria desenvolvida por Keynes buscou explicar os motivos para a existência do desemprego involuntário na economia, ou seja, como a demanda agregada poderia afetar o produto e o emprego. A principal concepção que o mesmo utiliza em sua explicação é a rigidez salarial. Tomando como exemplo uma queda de demanda agregada por uma dada mercadoria, levaria, consequentemente, a uma queda de demanda por mão de obra, tendo em vista que a necessidade de produção cairia. Em um regime de salário fixo, via contrato de trabalho, que era um dos pressupostos deste pensamento, a redução do salário nunca seria suficiente para conter a queda da demanda e assim, manter o nível inicial de emprego, reduzindo, dessa maneira, a oferta de trabalho. Assim, produto e emprego vão reduzir, aumentando o desemprego. (FROYEN, 2005).

Uma nova onda de economistas surgiu para dar mais explicações ao desemprego involuntário, sendo que esses pensadores foram intitulados novos-keynesianos e os mesmos buscavam contra-atacar as críticas feitas pelos novos-clássicos, apesar de concordarem com a hipótese das expectativas racionais. Ao contrário dos keynesianos, essa nova escola acredita que existem vários aspectos que explicam a rigidez de salários e também incluía que existia rigidez de preços. Além disso, diferenciavam-se quanto à estrutura de mercado, visto que os novos keynesianos defendiam a concorrência imperfeita e ainda introduziam fatores que explicavam a rigidez de variáveis nominais e variáveis reais. (FROYEN, 2005).

A crítica aos novos clássicos, que pode ser destacada, é o fato de que, para os novos keynesianos o desemprego é involuntário e, que as alterações nos salários não conseguem equilibrar automaticamente o mercado de trabalho. (DATHEIN, 2002).

A teoria novo-keynesiana adota princípios microeconômicos, anteriormente introduzidos pelos novos-clássicos, empregados pelos agentes maximizadores que buscam utilizar todos os fatores disponíveis da melhor maneira possível, ou seja, a hipótese das expectativas racionais é de certa forma aceita, no entanto, os mesmos defendem que essa hipótese não tem como ser demonstrada. O destaque dos microfundamentos são as falhas de mercado, que segundo essa corrente de pensadores, prejudica o autoajustamento do mercado (*market clearing*). Ainda há de ressaltar que o cenário de concorrência imperfeita, anteriormente citado, implicaria aos agentes rigidez de preços e salários graças à assimetria de informações, que passaria a existir nessa nova estrutura de mercado. (DATHEIN, 2002).

A partir do pensamento de Dathein (2002) é possível constatar que, para os novos keynesianos, as flutuações econômicas ocorrem devido às falhas de mercado, ou até mesmo como solução à ineficácia de preços e salários de se ajustarem de maneira instantânea ao nível de oferta e demanda. Essas flutuações também podem surgir a partir do autoajustamento do mercado. A taxa natural de desemprego portanto, é definida a partir da rigidez dos preços e dos salários e ainda estariam presentes na economia, variações cíclicas na taxa de desemprego graças a não previsibilidade de movimentos nos preços e salários.

Ao contrário de Keynes, que destaca os problemas da demanda agregada e a incerteza como geradoras de desemprego, os teóricos novo-keynesianos acentuam fatores de rigidez na oferta agregada como causadores de resultados não ótimos no produto e no emprego. (DATHEIN, 2002, p. 3).

Identifica-se, portanto, que o desemprego terá origem microeconômica e não macroeconômica.

Para controlar as negatividades advindas dos choques adversos presentes na economia, admite-se que é possível fazer uso de políticas monetárias tendo em vista que essas teriam o poder de controle e estabilização da demanda agregada, diminuindo, dessa forma, os impactos sociais. (DATHEIN, 2002).

Sicsú (1999) reafirma que as imperfeições de mercado podem ser resolvidas por política monetária, mas as mesmas têm que respeitar as regras de *feedback*., que eliminaria qualquer viés inflacionário e conseguiria de fato alterar o produto no curto prazo. No entanto, a política monetária e ainda, a política fiscal, são usadas por esses pensadores, apenas como soluções provisórias e sem afetar as causa principais. Mais uma vez, os novos keynesianos se distanciam do pensamento de Keynes, pelo fato de que o último defende a sucessiva intervenção do Estado para controle da economia, enquanto os novos keynesianos remetem ao Estado um papel extremamente temporário, isto é, defendem a passividade do governo.

# 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar o trabalho o que se pôde concluir foi que, a escola novo-clássica surgiu do pensamento de Lucas e Sargent, que objetivavam explicar o por que da moeda ser neutra. Para isso eles criticavam o keynesianismo, principalmente em relação ao que eles acreditavam ser variáveis endógenas e exógenas. Além disso, como crítica aos monetaristas, adotaram a hipótese das expectativas racionais, pois acreditavam que se o agente é racional quanto as informações presentes, ele será capaz de desenvolver expectativas quanto ao futuro. Ademais, os novos-clássicos acreditavam que o mercado se comportava com concorrência perfeita e que o desemprego acontecia de forma voluntária.

Em relação à política monetária nos novos-clássico, o que se pode afirmar é que ela era considerada ineficaz em relação as variáveis reais, sua única função na economia era no ajuste de preços, caso ocorresse algum choque monetário na economia, lembrando que se isso ocorresse, nem a quantidade de produtos ofertados pelas firmas seriam afetados pela política monetária.

Em contrapartida, os novos-keynesianos surgiram para aprimorar alguns pensamentos dos keynesianos e criticar alguns pensamentos dos novos-clássicos. De início, eles explicaram o desemprego involuntário proposto pelos keynesianos, porém, para eles, a rigidez de preços e salários pode ser explicada por vários aspectos em comum. A partir daí criticaram os novos-clássico, pois para eles, mesmo se houver uma alteração nos salários o mercado de trabalho não conseguirá se equilibrar automaticamente.

Embora os novos-keynesianos tenham trazido consigo críticas aos novos-clássicos, eles acabam aceitando a hipótese das expectativas racionais, apesar que que para eles, essa hipótese não pode ser demonstrada.

No caso dos novos-keynesianos, a política monetária não é ineficaz como considerado pelos novos-clássicos, para eles, elas podem ser utilizadas tendo como objetivo controlar choques adversos, pois têm capacidade de controlar as imperfeições de mercado, desde que respeitem as regras de *feedback*, podendo alterar o produto no curto prazo, ou seja, conseguem controlar as imperfeições sem alterar as principais causas.

# REFERÊNCIAS

AMORIM, Ricardo Luiz Chagas. Macroeconomia neoclássica contemporânea: novos-keynesianos e novos-clássicos. **Ensaios FEE,** Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.29-56, 2002. Trimestral. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2027/2408>. Acesso em: 29 maio 2016.

CUTLER, David (Londres). Detalhes dos ganhadores do Nobel de Economia de 2011. **Reuters,** [s. l.], 10 out. 2011. Disponível em: <http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRSPE79905T20111010?sp=true>. Acesso em: 30 maio 2016.

DATHEIN, Ricardo. Uma Introdução à Teoria Novo-Keynesiana. 2002. 22 p. Curso de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://virtual.ie.ufrj.br/ufrgs/analisemacroeconomicaa/textos/Teoria\_Novo\_Keynesiana.doc&usg=AFQjCNFcjRa3CPCaezwx4AWzWPLYKZmX4w&bvm=bv.123664746,d.dmo>. Acesso em: 29 maio 2016.

FROYEN, Richard T. **Macroeconomia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 512 p.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de et al. Política monetária no Brasil: abordagem e proposição de políticas pela ortodoxia brasileira. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada, São Luís, v. 8, n. 14, p.78-120, jan-jun. 2013. Semestral. Disponível em: <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/Capítulo-3-Teoria-e-politica-monetaria-abordagem-ortodoxa-para-pdf1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

SICSÚ, João. Keynes e os Novos-Keynesianos. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 19, n. 2, p.84-102, abr-jun. 1999. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/moeda/pdfs/keynes\_e\_os\_novos\_keynesianos.pdf>. Acesso em: 29 maio 2016.